

## CRIANDO DANÇA NA ESCOLA

RAMON DE OLIVEIRA GRANADO<sup>1</sup>; ANDRISA KEMEL ZANELLA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – r.o.g\_20@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – professoraandrisakz@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este estudo, ocorreu no âmbito das atividades disciplinares propostas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do Curso de Dança da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Sobre o tema, buscamos trazer a compreensão de que, a Dança no contexto escolar não deve ser utilizada somente como um momento de lazer e descontração, mas como um outro meio de desenvolvimento das crianças (SILVA, 2010).

Diante disso, nos questionamos se: crianças/alunos de uma escola de Ensino Fundamental, sem prática de Dança, seriam capazes de criar/executar, com mediação de um professor, composições coreográficas?

Sendo assim, embasados nos autores SANTOS (2013), FERREIRA (2009), VARGAS (2007), BRASIL (1997), MARQUES (2012), SOTER (2013), decidimos elaborar um projeto de aulas que instigasse os(as) alunos(as) a valerem-se de sua criatividade, para junto ao professor, serem capazes de criar Dança.

Com isso, objetivamos de forma geral, desenvolver aulas práticas de criação de Dança na escola e mais especificamente, ampliar o repertório de movimentos corporais, transformar movimentos cotidianos em Dança e aprender pequenas composições coreográficas.

### 2. METODOLOGIA

No que tange nossa metodologia, podemos apontar duas utilizadas, como: a diagnóstica, que foi realizada como primeira atividade e teve a função de verificar o conhecimento prévio dos alunos e a formativa, que serviu de *feedback* para o aluno e para o professor, à medida que também lhe permitiu identificar deficiências na sua forma de ensinar, possibilitando-lhe aperfeiçoar suas práticas didáticas (TAVARES, 2011, p. 110).

Correspondente à estruturação das aulas, em sua maioria, foram desenvolvidas: recapitulação das atividades já realizadas, realização das atividades planejadas (com filmagem), apresentação dos resultados e reflexão sobre a aula.

Como se tratava de aulas de experimentações de movimentos sem muita complexidade, não realizamos aquecimentos ou alongamentos em específico, pois, a progressão pedagógica das atividades práticas já davam este suporte.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro passo a ser dado, foi o de apresentação do professor, das ideias e objetivos do projeto. Neste momento, também, foi dado opções de resultados que poderíamos chegar: uma apresentação coreográfica, um vídeo compilado de filmagens das aulas ou somente a realização das aulas. Chegamos à conclusão de que seriam realizadas filmagens durante o processo, e ao final, o professor

elaboraria, em ordem cronológica, um vídeo compilado das aulas e apresentaria para a turma.

Buscando observar a corporeidade dos alunos, iniciou-se a primeira experimentação. Nesta, os discentes deveriam movimentar determinada parte/membro do corpo em uma direção estabelecida por orientações do professor. Partindo para a criação de Dança, o professor instigou os alunos, dizendo que poderiam realizar uma dança assim como eles estavam, “sentados”, dentro da sala de aula. Iniciava-se, então, o estopim para a nossa construção coletiva.

Maneiras de sentar, jeitos de cruzar os braços ou pernas, passadas de mão no cabelo, um olhar para o lado de fora da janela, tudo se tornava dança, segundo nossas vontades. O professor assumiu o papel de observador e a partir de um determinado movimento ou pose de um aluno qualquer na sala de aula, orientava para que outros analisassem e tentassem realizá-lo também. De forma descontraída e dinâmica os alunos iam experimentando movimentos do cotidiano e percebendo que estes, se realizados em uma sequência, tornavam-se pequenas composições coreográficas. Em seguida, de forma aleatória, escolhemos alguns movimentos, dos já executados, para criarmos uma breve composição. Esta seria ensaiada em alguns de nossos próximos encontros.

O passo seguinte foi experimentar noções de ritmo através da percussão corporal e em objetos (mesa e cadeira). O ponto de partida foi a brincadeira de “peito, estala, bate”. O professor, novamente, colocava-se como orientador para que esta mesma sequência rítmica fosse realizada em outras partes do corpo até o momento em que deveriam executar o ritmo em deslocamento.

A atividade subsequente consistiu em realizar um jogo *twister* na sala de aula, visando ampliar o repertório de movimentos corporais. A diferença deste jogo é que no lugar de um tabuleiro clássico de cores, levamos vários desenhos de mãos e pés (direito/esquerdo) e colamos pelo chão da sala, de forma aleatória. Com a turma dividida em dois grupos, um escolheria entre mão ou pé de um respectivo lado do corpo e o outro executaria o jogo de colocar a parte escolhida no local do chão que correspondesse. A ideia seria um aluno fala e outro executa, de forma consecutiva, até que todos estivessem no jogo. Então se dificultava as possibilidades de locais onde se alocar, necessitando novas estratégias de posicionar o corpo no espaço para seguir as ordens de movimentos dadas pelo outro grupo.

Nos últimos encontros utilizamos o método tradicional de uma aula de dança, onde o professor cria passos e/ou ensina a coreografia para que os alunos executem. Fizemos isso, pois entendemos que há eficácia neste método, mas enfatizamos a cautela em não se utilizar somente dele, dado que temos uma gama de outras opções que necessitam somente da criatividade do professor.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao concluir as aulas, um encontro foi agendado na escola para a demonstração do vídeo elaborado pelo professor. Ao se visualizar na tela, os alunos primeiramente acharam engraçado, mas logo em seguida, começaram a argumentar o quanto “legal” foi o processo.

Percebemos a carência de atividades corporais existente na turma trabalhada, bem como na escola, mas constatamos a potencialidade que as crianças têm para a prática da Dança. Observamos que os alunos precisam, para desenvolver e aflorar a sua criatividade na Arte/Educação, de inspiração. Ou seja, um “pontapé inicial” que instigue a turma, e que deve vir do professor.

Os alunos anseiam por algo novo, que seja dinâmico, que os tirem da rotina, mesmo que seja no próprio local da rotina. O importante é tornar o espaço mais agradável, e isso só ocorre quando o professor decide aprender junto dos seus alunos e utilizar toda bagagem oriunda do cotidiano de cada corpo ali presente.

Cabe a nós, docentes das Artes, principalmente de Dança, mesmo com todas as adversidades encontradas, seja por questões estruturais, físicas e de falta de compreensão de nossa importância no espaço escolar, acreditar que podemos colaborar para uma educação mais humana e que fale a língua desta nova geração. Por fim, precisamos nos aprimorar e, acima de tudo, deixar nossa criatividade aflorar cada dia mais.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEE, 1997.

FERREIRA, Saralivia Salum. **Dança na escola:** um processo de criação. Campinas, SP, 2009.

MARQUES, Isabel A. **Interações:** crianças, dança e escola. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda, 2012. p.15 -71.

SANTOS, Vivian Shimizu. **O papel da dança na vida das crianças contado por crianças que dançam.** Florianópolis, SC, 2013. 70 p.

SILVA, Jessica Pistori. **A Dança no contexto da cultura escolar:** olhares de professores e alunos de uma escola pública do ensino fundamental. 2010. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SOTER, Silvia. A criação em Dança. In: **Universidade das Quebradas**, 2013, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufri.br/wp-content/uploads/2013/03/A-criacao-em-danca.pdf>> Acesso em: 15 de mar. 2017.

TAVARES, Rosilene Horta. **Didática Geral.** – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 141 p.

VARGAS, Lizete Arnizaut Machado de. **Escola em dança:** movimento, expressão e arte. Editora Medição, 2007. p. 51-87.